AS LAVOURAS EM 1997

Cenário de altos e baixos

MARIA JOSÉ CYHLAR MONTEIRO

As lavouras de soja e café foram os destaques, mas a produção de alimentos básicos entrou em declínio.

especial

O desempenho da agricultura em 1997, quando observados seus indicadores agregados, foi bastante satisfatório no que se refere à renda bruta. A produção cresceu ligeiramente e a área colhida se manteve estagnada. A produção física, medida pelo conceito de produto real[1], aumentou 1,2%, a renda bruta 6,4% e a área colhida 0,5%.

Os índices de preços recebidos pelos agricultores registraram crescimento de 11,7% em relação à média do ano anterior. O agregado de preços das lavouras amparadas pela política de garantia de preços mínimos, entretanto, cresceu apenas 2,7% ao passo que o das demais aumentou 26%, impulsionado pelo desempenho dos preços do café.

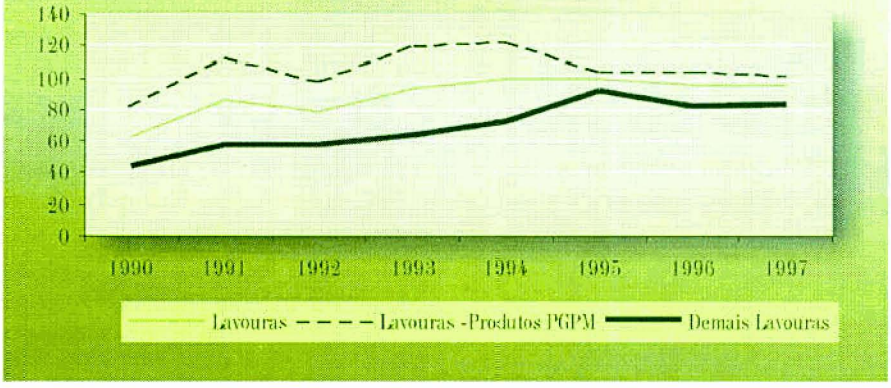
O índice de preços pagos pelos produtores rurais, que agrega os preços dos principais insumos, registrou na média de 1997 um aumento de 7% em relação à média do ano anterior. Os diversos componentes do índice, todavia, tiveram comportamentos bastante díspares: os preços médios dos fertilizantes aumentaram apenas 4,5%, enquanto que os das sementes e mudas subiram 9,3% e os da mão-de-obra, 8%. Isto indica que o resultado líquido da agricultura – receita menos custos – deve ter sido bastante diverso segundo a tecnologia empregada pelo agricultor.

Quando se desagregam os dados, a avaliação do desempenho da atividade se revela bem mais complexa. A produção de cereais, leguminosas e oleaginosas, os chamados grãos (algodão, amendoim, arroz, feijão, milho, soja e trigo), aumentou 2,8% mas a renda bruta do segmento cresceu apenas 0,5%, com uma redução da área plantada da ordem de 0,4%. Se tomarmos o subconjunto alimentos básicos (arroz, batata-inglesa, cebola, feijão, mandioca, milho e trigo) o panorama é desolador: o produto real caiu 1,6%, a

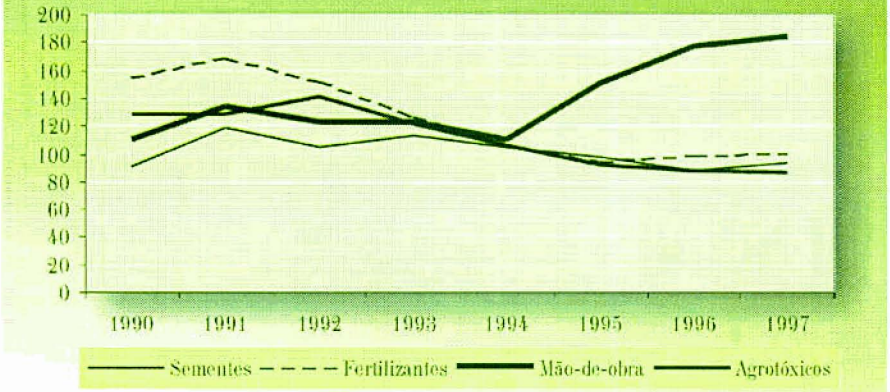
Produção anual das lavouras (em 1.000t)

PRODUTO	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
Abacaxi*	736	779	826	835	974	914	1.082	1.205	1.061
Algodão em caroço	1.813	2.076	1.885	1.135	1.363	1.451	1.037	836	1.225
Arbóreo	38	39	22	8	17	10	8	4	2
Herbáceo	1.783	2.041	1.863	1.127	1.346	1.441	1.003	832	1.223
Alho	71	85	79	87	84	59	60	64	50
Amendoim em casca	137	141	172	152	159	169	127	111	175
Arroz em casca	7.419	9.488	10.006	10.108	10.499	11.219	9.990	9.293	7.730
Aveia em grão	178	230	297	263	257	177	220	217	268
Banana**	550	554	562	558	572	568	562	595	570
Batata-inglesa	2.219	2.267	2.432	2.368	2.335	2.489	2.703	2.757	2.368
Cacau	355	321	329	341	330	295	257	285	272
Café em coco	2.926	3.041	2.589	2.558	2.613	1.858	2.686	2.343	3.112
Cana-de-açúcar	262.605	260.888	271.475	244.344	292.070	303.557	325.929	337.238	338.669
Cebola	887	888	896	929	1.019	931	963	884	870
Centeio em grão	5	6	7	5	4	3	7	8	12
Cevada em grão	157	112	125	110	91	105	223	245	352
Coco-da-baía*	734	851	891	837	902	949	1.012	1.015	990
Feijão em grão	2.219	2.745	2.797	2.478	3.256	2.862	2.821	2.990	2.167
Fumo em folha	444	414	576	658	519	455	471	620	507
Juta (fibra)	4	3	3	4	2	2	2	2	3
Laranja*	87.531	94.682	98.411	93.986	87.091	97.988	109.325	114.891	114.360
Maçã*	2.718	2.635	2.999	3.494	3.499	3.321	3.276	3.868	3.962
Malva (fibra)	19	12	19	17	16	10	10	10	11
Mamona	148	130	102	43	53	32	43	96	41
Mandioca	24.285	24.538	21.919	21.837	24.452	25.316	24.584	24.310	20.508
Milho em grão	21.341	23.624	30.506	30.051	32.487	36.265	32.185	34.602	30.039
Pimenta-do-reino	75	84	33	42	35	34	34	22	22
Rami (fibra)	10	8	7	7	4	3	5	4	
Sisal (sisal)	185	234	204	126	131	118	129	145	138
Soja em grão	19.888	14.938	19.215	22.575	24.912	25.651	23.205	26.431	31.420
Sorgo em grão	236	254	282	282	292	243	336	474	620
Tomate	2.255	2.344	2.141	2.348	2.678	2.699	2.675	2.602	2.596
Trigo em grão	3.093	2.917	2.796	2.156	2.092	1.534	3.359	2.450	2.705
Uva	786	648	800	787	807	825	734	901	770

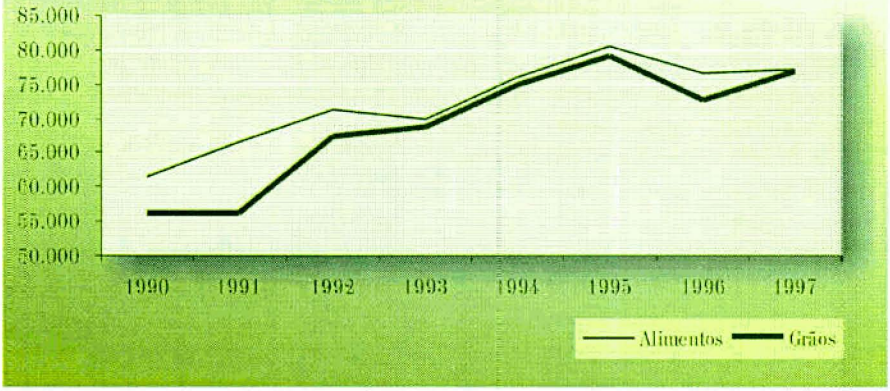
Brasil: Preços recebidos pelos produtores rurais – índices selecionados (deflacionados)



Brasil: Preços pagos pelos produtores rurais – índices selecionados (deflacionados)



Brasil: Desempenho de lavouras selecionadas



renda bruta registrou declínio de 7%, com uma queda de 3% na área colhida.

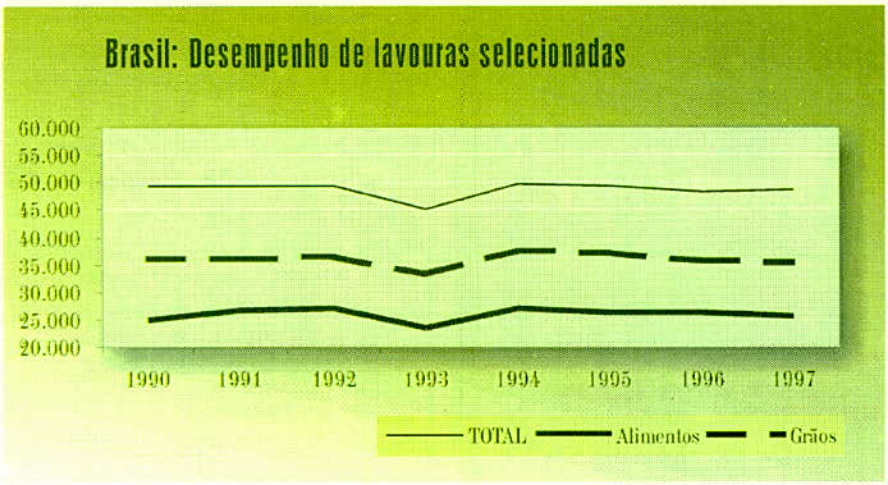
Os bons resultados registrados pelas lavouras em geral foram bastante influenciados pelo desempenho do café, cujos preços registraram aumento de 33%, o que determinou um aumento de 16% na renda bruta dos cafeicultores. Este resultado foi muito influenciado pelo excelente desempenho dos preços internacionais da rubiácea que alcançaram seus níveis mais altos em muitos anos.

Outro produto que registrou desempenho satisfatório, em termos de renda bruta, preços e produção foi a soja. Este resultado, aliás, levou no ano seguinte a uma expansão recorde da área plantada, que avançou em terrenos tradicionalmente dedicados ao milho. Ainda dentro dos produtos que registraram desempenho positivo cabe citar o cacau e o fumo. A renda bruta dos produtores de cacau aumentou 45%, impulsionada por uma recuperação de 11% na produção e de 30% nos preços recebidos pelos produtores. A renda bruta dos fumicultores cresceu 17%, a produção se expandiu 32%, mas os preços registraram declínio de 11%.

Os bons resultados registrados pelas lavouras em geral foram bastante influenciados pelo desempenho do café, cujos preços registraram aumento de 33%, o que determinou um aumento de 16% na renda bruta dos cafeicultores. Este resultado foi muito influenciado pelo excelente desempenho dos preços internacionais.

Já no rol dos produtos cujo desempenho deixou a desejar vamos encontrar o milho, o feijão, a mandioca, o arroz e o algodão. A renda bruta dos plantadores destas lavouras caiu entre 16% (milho) e -0,59% (feijão). Nos casos do algodão (cujos resultados em termos de retração da renda só não foram piores pelos altos preços alcançados pela fibra), arroz e mandioca, houve queda da safra colhida. Nos do milho e feijão os preços foram os principais responsáveis pela retração da renda.

Em termos de comércio exterior, o café e a soja alcançaram resultados expressivos. Segundo dados do Siscomex, as exportações do complexo soja geraram uma receita 27,8% superior à de 1996, sendo a segunda maior contribuição, após o material de transporte, para as vendas brasileiras no ano. As exportações de soja em grão cresceram 128% e a receita obtida 141%. Já as exportações de farelo e óleo geraram receita inferior em 1,8% e 22%,



respectivamente, à do ano anterior.

Seguindo-se à soja, a terceira maior receita obtida pelas vendas externas do Brasil em 1997 foi a do café, que acrescentou US$3,1 bilhões à receita de exportações ou 60% mais do que no ano anterior. Os baixos estoques para moagem em mãos dos principais países consumidores e a quebra da safra de países como a Colômbia responderam pela alta das cotações mundiais que determinaram o aumento da receita cambial gerado pela rubiácea.

Outro dos produtos da lavoura que alcançou resultados expressivos em termos de receita cambial foi o fumo, com vendas externas cujas receitas foram 10% superiores às de 1996.

Já o suco de laranja teve um desempenho insatisfatório: o valor das exportações de suco caiu, em 1997, 28%. O resultado foi conseqüência da queda dos preços médios no mercado mundial, que passaram de US$1.117/t em 1996 para US$859/t em 1997 em função de uma maior oferta provocada por safras recorde em São Paulo e na Flórida.

[1] Produção física das lavouras a preços médios de 1985.

OS INSUMOS EM 1997

Otimismo até certo ponto

NIVALDO T. MANZANO

Alguns resultados em queda, metas a corrigir e fatores conjunturais moderam as expectativas para o desempenho do setor neste ano.

especial

Até o final do primeiro semestre, antes portanto da elevação abrupta da taxa de juros, a comercialização de tratores, máquinas e insumos agrícolas em geral vinha apresentando franca expansão – e a curva ascendente de vendas, registrada nos últimos dois anos, difundia um otimismo moderado entre esses setores. Moderado porque, por melhores que tenham sido os resultados, que em alguns casos atingiram um crescimento de 50% em relação a 1997, a base de referência encontrava-se muito deprimida pela retração das compras no período anterior, marcado pela crise da dívida dos produtores e pelos juros elevados. Otimismo moderado também porque a curva do crescimento já vinha perdendo força antes do novo sobressalto provocado pelos juros proibitivos a partir de setembro.

Para o setor de tratores, o ano começou com boas perspectivas. Entre junho de 1997 e maio de 1998, a comercialização do setor apresentou uma expansão satisfatória de 50%. Já no período de 12 meses, de julho de 1997 a junho de 1998, o crescimento das vendas recuou para 46%, caindo para 43% em agosto sobre julho do ano anterior. Ainda assim, com a aprovação dos recursos do Finame à taxa prefixada de 11,95% ao ano, acreditava-se em agosto que a produção alcançaria o patamar de 27 mil unidades em 1998.

O *ranking* nacional de vendas para o mercado interno no primeiro semestre de 1998 é o seguinte: Agco, 35%; Valtra, 30,3%; New Holand, 20,7%; SLC John Deere, 8,5% e outras, 5,5%. No mercado de colheitadeiras, a participação da John Deere no ano anterior fora de 44,8%.

As receitas com as vendas externas devem chegar a US$880 milhões, 15,7% acima de 1997. No ano passado, a exportação elevou-se a 10 mil unidades, contra 8,3 mil em 1996 e 4,3 mil em 1993. O principal mercado para as empresas nacionais de tratores, plantadeiras e colheitadeiras é o Mercosul. O crescimento das vendas externas reflete o padrão internacional alcançado pelas máquinas fabricadas no país, resultado das fusões e da entrada de indústrias de porte global.

Sementes

A julgar pelo desempenho do setor de sementes, os produtores em geral optaram por investir em tecnologia, como forma de elevar a produtividade. Segundo informa a Associação Brasileira dos Produtores de Sementes, na hora de escolher, o produtor optou pelo insumo mais nobre, em que pese ao preço relativamente mais elevado. É o que ocorreu com o milho híbrido, especialmente nos estados do Sul, onde a demanda supera as previsões.